

HOMOEROTISMO MASCULINO NO PERÍODO CLÁSSICO: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE *HYBRIS* E PEDERASTIA ATENIENSE EM PLATÃO E EM XENOFONTE

LUANA NERES DE SOUSA¹

Resumo: O relacionamento homoerótico masculino realizado entre os atenienses do período clássico, conhecido como pederastia, se constitui em um objeto de destaque em pesquisas cujo recorte se fundamenta no envolvimento entre indivíduos do mesmo sexo na Antiguidade. Tal notoriedade se deve pelo considerável número de registros deste convívio em textos de autores clássicos como, por exemplo, os de Platão e de Xenofonte, cada qual com seu estilo e seu ponto de vista. Através da apreciação desses escritos, é possível identificar os envolvidos e a faixa etária dos mesmos, os locais propícios para os encontros e os diversos objetivos que circundavam tal relação, delimitando a noção que um cidadão ateniense do período poderia ter acerca da pederastia. O objetivo deste artigo é analisar o modo como Platão e Xenofonte se utilizam em suas obras de personagens detentores de desmesuras e de excessos para delinear o que para eles, respectivamente, eram comportamentos reprováveis e que não deveriam ser praticados pelos envolvidos no relacionamento pederástico.

Palavras-chave: pederastia; *Hybris*; Homoerotismo; Platão; Xenofonte.

1 – A PEDERASTIA E OS *SYMPÓSIA* ATENIENSES NO PERÍODO CLÁSSICO

Praticada entre um homem adulto, o *erastés*, e um jovem, o *erómenos*² (cujos nomes significam, respectivamente, amante e amado), a pederastia possuía características bastante peculiares que a distingue de diversas outras manifestações homoeróticas conhecidas na atualidade. Estava relacionada à *Paideia*³, se constituindo em um elemento educador do jovem futuro cidadão, especialmente após os conteúdos aprendidos na educação básica. Era no convívio com o *erastés* que o *erómenos* aprenderia como se comportar enquanto um cidadão

² Não existe um consenso na historiografia no que diz respeito à faixa etária dos envolvidos na pederastia. Félix Buffière afirma que o *erastés* deveria ser um adulto socialmente ativo, com idade entre 20 e 30 anos (BUFFIÈRE, 2007, p. 21). Ao analisarmos a documentação, encontramos os termos *meirakion* para delimitar a idade do *erómenos*, que segundo Golden, corresponde a faixa de 14 a 21 anos (GOLDEN, 1993, p. 14).

³ Ideal grego de educação que visava a preparação do jovem para o pleno exercício de sua cidadania, seja na *pólis* ou em sua participação na guerra.

¹ Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente é professora efetiva da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia. E-mail para contato: neresluana@gmail.com.

plenamente ativo, sendo assistido de perto pela sociedade para que os limites moralmente aceitos para a relação não fossem extrapolados. Tais limites estavam relacionados à idade das partes, sobretudo a do *erómenos*, que não poderia continuar após este se tornar imberbe. O *erastés* deveria ser mais velho e já exercer plenamente seus direitos cívicos e políticos, tendo uma idade superior a 30 anos, aproximadamente.

Outro ponto importante diz respeito ao desejo e ao contato sexual. O relacionamento pederástico envolvia uma série de normas e ritos próprios, que garantiam a estrutura desta instituição. As rédeas da relação concentravam-se nas mãos do *erómenos*, pois ao chegarem à idade para o início da pederastia, vários *erastai* apresentavam-se aos jovens e ficava a cargo destes escolher qual seria o seu tutor. Após eleger o mestre, o *erómenos* obedecia todo um ritual de conquista, no qual não poderia ceder de imediato aos gracejos do mentor, caso contrário, seria desonroso (FOUCAULT, 2003, p.187).

Quanto mais resistisse, mais interessante se tornava o *erómenos*, todavia, este não poderia permitir que tal resistência afugentasse o *erastés*. Tudo deveria acontecer dentro de um tempo certo para que a pederastia tivesse êxito. Durante o cortejo, o *erastés* oferecia presentes ao *erómenos*, tais como a lebre e o galo, símbolos de esperteza e virilidade, mas Dover apresenta outras ofertas, como a raposa, a lira e o cervo (DOVER, 1994, p.133). Esses presentes, além da função de conquista, exerciam certo estímulo para que o *erómenos* viesse a desempenhar os papéis simbolizados pela oferenda, neste caso, a virilidade e a esperteza.

Era papel fundamental do *erómenos* se controlar diante das possíveis investidas sexuais do *erastés*, não se permitindo ser penetrado em nenhum orifício pelo mesmo, reconhecendo a dedicação e os seus ensinamentos recebidos. Toda a preocupação com a não realização do ato sexual entre *erastés* e *erómenos* é explicável pelo fato de que a ausência de penetração garantia a integridade do jovem, a sua moral e o seu papel de destaque na sociedade de Atenas, uma vez que o cidadão em hipótese alguma deveria se subordinar ao papel de

uma mulher ou de um escravo. O indivíduo que se comportasse como mulher e/ou que praticasse o coito anal no papel passivo invertia sua função social e biológica que era a de gerar outros. E ainda que desempenhasse o papel ativo sobre um cidadão ou um jovem, estaria atentando contra a retidão deste, não desempenhando integralmente sua função de tutor do mesmo.

Ao nos debruçarmos sobre os textos antigos, é possível encontrar diversos elementos que ilustram o que para aquela sociedade era aceitável quando o assunto é a pederastia. Ricas fontes acerca desta temática são os diálogos homônimos intitulados *Sympósion*, produzidos por Platão e por Xenofonte em torno de 384 a.C. e 380 a.C., respectivamente.

A opção por ambientar seus diálogos em banquetes aristocráticos, assim como a escolha dos personagens que o compõem, não foi realizada ao acaso pelos autores. Os famigerados banquetes gregos, especialmente os atenienses, eram encontros divididos em duas partes: a primeira era o jantar propriamente dito, chamado de *deipnon*, cuja principal característica era o consumo de pratos pouco sofisticados, geralmente em silêncio e sem algum tipo de bebida. A posterior era o *sympósion* (cujo significado é “reunião de bebedores”) no qual os comensais ingeriam gradativamente o vinho diluído, com o intuito de não se atingir rapidamente o estado ébrio.

Os banquetes possuíam fundamental importância na Paideia ateniense, uma vez que durante esta festividade os jovens em formação poderiam praticar tanto seus conhecimentos musicais quanto recitar de cor os versos que, através de técnicas de memorização, aprendiam com o *grammatitês* (professor de leitura). Além do mais, esses jovens poderiam emular através da observação dos homens adultos, o comportamento socialmente esperado dos cidadãos já formados. Ou seja, tendo como tema um assunto tão importante quanto Eros e as relações entre *erastés* e *erómenos*, Platão e Xenofonte souberam muito bem ambientar seus diálogos em um local propício para o exercício da *areté* (virtude) masculina. Era constituído por ritos religiosos, divertimentos, música e dança, possuindo a presença

de pessoas responsáveis pelos divertimentos como dançarinos, as *hetairai*⁴ e os *gelotopoioi*⁵.

Em seus diálogos homônimos, Platão e Xenofonte ilustram, através de dois grupos de personagens, atitudes que *erastés* e *erómenos* poderiam empreender durante seus encontros. O primeiro grupo é formado por homens respeitáveis que aca- tam os limites socialmente impostos para o exercí- cio do amor homoerótico masculino, ou seja, por *kalokagathos*⁶. No *Sympósion*, platônico podemos citar o médico Erixímaco enquanto arquétipo de re- tidão e equilíbrio, uma vez que em suas falas identi- ficamos diversos conselhos sobre a importância do autocontrole que um homem deveria possuir em relação aos desejos (PLATÃO, *Sympósion*, 187d-e). Em Xenofonte, o abastado Cálías e o jovem Autólico se constituem, respectivamente, em bons exemplos de *erastés* e *erómenos*: Cálías é louvado por Sócrates por ser um bom amante, enquanto Autólico é elogiado por seu pai Lícon ao enchê-lo de orgulho (XENOFONTE, *Sympósion*, VIII 10-11; III 12). Para Xenofonte, Cálías era um bom exemplo de *erastés* por estar enamorado do belo Autólico, jovem que apesar de atrair os olhares de todos os convivas por sua beleza, matinha-se modesto e discreto (XE- NOFONTE, *Sympósion*, I 8). Ou seja, somente um *kalokagathos* poderia despertar o amor honrado de outro homem virtuoso. Apesar dos exemplos citados, tanto em Platão quanto em Xenofonte, Só- crates se constitui no exemplo maior de um *kaloka- gathos*, seja em atos praticados em sua juventude, seja em sua maturidade.

⁴ *Hetaira*: palavra grega que significa “companheira”. Eram prostitutas de luxo que geralmente acompanhavam os ho- mens importantes em banquetes e outras festividades onde mulheres da sociedade não poderiam comparecer (VRISSIMT- ZIS, 2002, p. 93).

⁵ *Gelotopoios*: literalmente significa “aquele que faz rir”, al- guém que procurava entreter os demais convivas através do riso; é formado a partir da junção dos *gélío* (riso) e *to poios* (quem). Geralmente se tratavam de um *akletos*, termo que aparece na literatura grega para designar as pessoas que com- parecem aos banquetes sem convite, oferecendo o diverti- mento em troca da hospitalidade.

⁶ *Kalokagathos*: junção dos termos *kalós* (belo) e *agathós* (bom). Ideal de homem virtuoso que buscava conjugar a ideia de beleza física com a de bondade (MARROU, 1990, p.77-78).

No segundo grupo, no qual estão inseridos Al- cibíades, Nicerato e Critóbulo, encontramos exem- plos de comportamentos reprováveis, constituídos pelo desequilíbrio e pela desmoralização. É deveras significativa a maneira como Platão e Xenofonte elaboram os personagens deste agrupamento, utili- zando suas más condutas enquanto lição para seus leitores.

2 – A DESMESURA NO SYMPÓSION PLATÔNICO: O CASO ALCIBÍADES

Os gregos antigos possuíam em seu vocabulá- rio o termo *hybris*, geralmente traduzido por des- mesura ou descontrole. Era antônimo de *sophrosine* (temperança), qualidade de quem possui controle e sabedoria sobre seus impulsos. Uma personalidade muito conhecida por estar constantemente domi- nado pela *hybris* é Alcibíades, estrategista ateniense que viveu entre 450 a.C. e 404 a.C. Segundo Plutar- co, Alcibíades era membro da família dos Alcmeôni- das (uma das mais proeminentes de Atenas) e em sua juventude teria sido pupilo de Péricles e discí- pulo de Sócrates. Era detentor de uma beleza física exuberante, porém de um caráter inconsequente e descontrolado, que teria sido responsável por sua fama e pela presença de seu nome nas obras de diversos autores da Antiguidade, tais como Platão, Aristófanes e Antífano (PLUTARCO, *Vida de Alcibí- ades*, 1.1 – 3.2). Jacqueline de Romilly acrescenta que:

Alcibíades é uma das personagens de Tucídi- des, o grande historiador daquele período. Pla- tão frequentemente o põe em cena. Aparece em Xenofonte, quer nas obras históricas, quer nos diálogos em que evoca Sócrates. Outros, como Aristófanes e Eurípedes, fazem alusão ou transposições. E, logo após sua morte, ora- dores como Isócrates e Lísias discutiram seu papel e sua personalidade (ROMILLY, 1996, p. 10).

Com um número tão considerável de auto- res que o mencionam, não resta dúvidas de que Alcibíades era uma personalidade significativa em seu tempo. Na obra platônica, o estrategista se evi- dencia em mais de um diálogo, conforme atesta

Romilly, se configurando em “um exemplo típico que pode servir, a todo instante, de poderosa lição” (ROMILLY, 1996, p.11).

No *Sympósion*, Alcibíades ilustra o modelo de conduta a não ser seguida pelos leitores em detrimento dos diversos excessos presentes em seu comportamento, seja em relação ao amor homoe-rótico, seja sobre outras temáticas. Platão relata, através de uma conversa entre Apolodoro e um companheiro, um banquete ocorrido na casa do poeta trágico Agatão no ano de 416 a.C., em ocasião de sua primeira vitória no concurso de tragédias. Embora seja o narrador do diálogo, Apolodoro não esteve presente em tal jantar, mas tomou conhecimento deste muitos anos depois através do relato de outro personagem chamado Aristodemo (PLATÃO, *Sympósion*, 173 a-d). Além do anfitrião Agatão, compareceram também neste banquete o médico Erixímaco, Pausânias, o comediógrafo Aristófanes, o filósofo Sócrates, o estrategista Alcibíades e outros cujos nomes não foram mencionados por Aristodemo (PLATÃO, *Sympósion*, 180c). Entretanto, Alcibíades só chegou ao local após os convivas terem encerrado seus discursos acerca de Eros e suas consequências na vida dos homens.

Após a finalização dos discursos sobre Eros, o médico Erixímaco desafia Alcibíades a elaborar também uma definição para o deus. Alcibíades contesta não ter condições de falar à altura dos demais, haja vista seu adiantado estado ébrio. Assim, Erixímaco propõe que este louve Sócrates e, diferentemente dos demais convivas que elogiaram Eros de modo universal, Alcibíades vai trazer à tona em seu discurso recordações das intimidades que um dia tivera com Sócrates (PLATÃO, *Sympósion*, 214 c-d).

Alcibíades assegura que, embora possuísse uma aparência grotesca como a dos silenos⁷, Sócrates seduzia os homens através da beleza de seu interior (PLATÃO, *Sympósion*, 215 b-d). O estrategista inicia o relato de suas experiências eróticas passadas

com o filósofo afirmando que, após ter se empenhado em inúmeras investidas apaixonadas e de até ter dormido a sós com Sócrates, nenhum contato sexual ter se efetivado:

[...] pois fiquei sabendo, pelos deuses e pelas deusas, quando me levantei com Sócrates, foi após um sono em nada mais extraordinário do que se eu tivesse dormido com meu pai ou um irmão mais velho. (PLATÃO, *Sympósion*, 219 d).

Notoriamente, Alcibíades é para Platão a confluência de diversas qualidades negativas: deixava-se embriagar através do consumo desenfreado de bebida e era descomedido em relação aos seus desejos. A surpresa provocada pelo estrategista em seus ouvintes parte do pressuposto de que, por se tratar de uma figura de posses e detentor de extrema beleza, Alcibíades fosse capaz de conseguir tudo o que queria. Embora tenha recebido em sua juventude a mais refinada educação existente em Atenas, ao atingir a idade adulta, se rendeu aos mais diversos tipos de escândalos. Jaeger ratifica que Alcibíades é o tipo que Platão melhor utiliza para ilustrar o que para Sócrates deveria ser um bom *erómenos*: jovem de aspirações geniais, que tomava para si os assuntos políticos de Atenas. Contudo, Alcibíades se equivoca no fato de trabalhar para a edificação do Estado antes ainda de edificar o “Estado em si mesmo” (JAEGER, 1986, p. 515) e torna-se um paradigma negativo.

O jovem Alcibíades fere os preceitos do séquito pederástico ao tomar a iniciativa do galanteio, propondo uma relação amorosa a Sócrates que, de acordo com as regras não escritas da pederastia, deveria desempenhar tal papel por ser o mais velho e o mais sábio. Notamos grande preocupação de Platão em representar seu mestre como um *kalokagathos*, em detrimento de Alcibíades, cujo “desvio de caráter” é ressaltado a todo o momento. Consciente de sua índole intemperante, Alcibíades declara a Sócrates sua necessidade de possuir o auxílio de um mestre tão sábio quanto o filósofo:

Tu me pareces ser um amante digno de mim, o único, e te mostras hesitante em declarar-me. Eu, porém é assim que me sinto: inteiramente estúpido eu acho não te aquiescer não só nisso

⁷ Silenos: também chamados Sátiros, são personagens mitológicos ligados ao cortejo de Dionísio. Possuem uma aparência jocosa e uma grande sabedoria, que não revelam aos seres humanos, exceto através da força (GRIMAL, 1992, p. 418).

como também em algum caso em que precisasses ou de minha fortuna ou dos meus amigos. A mim, com efeito, nada me é mais digno de respeito do que o tornar-me eu o melhor possível, e para isso creio que nenhum auxiliar me é mais importante que tu (PLATÃO, *Sympósiion*, 218 c-d).

O melhor jovem deveria ter o melhor preceptor e Alcibíades se considerava o maior entre os jovens de seu tempo. Seu orgulho é atingido exatamente por não ter conseguido seduzir Sócrates, utilizando-se de sua beleza, sua influência e sua riqueza. Sócrates responde ao elogio do estrategista afirmando que, apesar de todas as suas qualidades, este ainda estava longe de ser exemplo de boa conduta (PLATÃO, *Sympósiion*, 218 e).

Por se tratar de um personagem criado com o objetivo de incitar a reflexão sobre quais atitudes não deveriam ser praticadas por um *kalokagathos*, o texto platônico possibilita-nos duas apreensões: a primeira, se considerarmos que o estrategista utilizou-se do artifício da embriaguez para proferir suas declarações acerca de Sócrates, uma vez que o vinho consumido durante os *sympósiia* possuía a capacidade de liberar o indivíduo das amarras sociais e encorajá-lo a dizer o que lhe viesse à mente; a segunda, se levarmos em conta que Alcibíades estivesse sóbrio e fingiu se encontrar em estado ébrio para emitir sua confissão sobre o filósofo. Em todo caso, o mau exemplo desempenhado por Alcibíades na obra platônica se mantém pelo fato deste possuir atitudes tomadas pela *hybris*, seja por ter perdido o controle em relação à bebida, seja por se utilizar de um recurso astucioso como o da dissimulação para convencer os comensais de que estava bêbado e assim proferir suas acusações sobre Sócrates.

É nítido que nas últimas páginas do *Sympósiion* os papéis entre amante e amado desempenhados por Sócrates e Alcibíades estão invertidos; todavia, assim como deveriam se comportar os *erómenoi* dignos de sua futura cidadania, Sócrates renuncia às tentações, e por isso mesmo, torna-se mais amado pelos jovens. Novamente vez Platão utiliza-se do exemplo de Alcibíades para apresentar aos seus leitores o modo como um *erómenos* não deveria se comportar. Em contrapartida, Sócrates aparece como exemplo, ora de um hábil *erastés*, ora de um bom *erómenos*. Em relação à condenação de Sócrates

à morte com cicuta, Santoro afirma que na acusação de o filósofo corromper a juventude os juízes tinham razão, pois este transformava os jovens em amantes, invertendo seus papéis sociais, como no caso de Alcibíades (SANTORO, 2007, p. 119).

Por seu envolvimento na Guerra do Peloponeso (430-404 a.C.), Atenas vivenciou de perto abalos em sua estrutura política, econômica e social, que desencadearam reflexos no comportamento de seus cidadãos, sobretudo entre os jovens. Por ser filósofo e por observar de perto as consequências desse abalo em sua cidade, Platão utiliza-se de personagens conhecidos de Atenas, tais como Sócrates e Alcibíades, para ilustrar aos seus leitores o paradigma ideal de cidadão – o *kalokagathos*, representado aqui na figura de Sócrates: um homem temperante, ativo nas questões políticas e militares da polis, sábio e comedido. Em contrapartida, Alcibíades é o modelo de cidadão dominado pela *hybris*, amante de prazeres vulgares e de caráter dissimulado. Além do mais, é no *Sympósiion* que Platão expõe de maneira mais elaborada o que para si era *Eros*, quais eram suas benevolências na vida de um homem e quais os cuidados se devia tomar quando fosse atingido por uma de suas maquinções. Concluímos que ele, *Eros*, é a inclinação do homem para o bem (JAEGER, 1986, p. 508) e a maneira como este homem domina os seus desejos refletir-se-ia em seu comportamento na polis.

Assim como Platão, Xenofonte também se utilizou de personagens possuidores de *hybris* para ilustrar aos leitores a ponderação sobre os contratempos proporcionados pelo descontrole. Deste modo, propomos uma análise destes personagens a seguir.

3 – A HYBRIS NO SYMPÓSIION DE XENOFONTE: OS CASOS DE NICERATO E DE CRITÓBULO

Em aproximadamente 380 a.C., o polígrafo⁸ ateniense Xenofonte elaborou um diálogo de caráter filosófico intitulado *Sympósiion*, que se trata de um

⁸ Denominamos Xenofonte de polígrafo por este ter escrito tanto obras de cunho filosófico quanto tratados de educação e textos históricos.

dos mais ricos relatos de um banquete aristocrático do período clássico que nos chegou à atualidade. Xenofonte nos relata um jantar oferecido por Cálias⁹ em honra ao jovem Autólico por sua vitória no pancrácio¹⁰ no ano de 422 a.C em ocasião das Grandes Panatenéias¹¹. Nicerato, Sócrates e seus amigos, Critóbulo, Hermógenes, Antístenes e Cármides participam deste evento. O *Sympósion* é constituído por nove livros e estruturalmente está dividida em três partes. Na primeira há a apresentação dos personagens; na segunda versa-se sobre variados temas, dentre os quais estão o riso, a dança, o vinho e a bebedeira, a Filosofia e os esportes, sempre pautados na importância da *sophrosine*; na terceira e última parte, especificamente no livro VIII, Sócrates assinala suas principais ideias acerca de Eros, sobretudo do amor entre um *erastés* e um *erómenos*. O fio condutor da obra, que a priori parece ser a junção desorganizada de capítulos com temáticas independentes, é a *kalokagathia*. Do mesmo modo como ocorre no diálogo Platônico, Xenofonte converge em Sócrates todas as qualidades esperadas em um bom cidadão, constituindo o filósofo no maior exemplo de *kalokagathos* presente naquele encontro. Nicerato e Critóbulo, ao contrário, são utilizados por Xenofonte como paradigmas de descontrole e desequilíbrio, conforme é possível identificar ao longo do diálogo.

De acordo com Tucídides e com Diodoro Sículo, Nicerato era filho do estrategista Nícias e um dos homens mais ricos de Atenas (TUCÍDIDES, **História da Guerra do Peloponeso**, III 51; V 20); (DIODORO SÍCULO, **Biblioteca Histórica**, 14.5.5). No *Sympósion*, Xenofonte o descreve como um homem muito

⁹ Cálias, filho de Hipônico, foi uma figura importante na cidade de Atenas, tendo exercido as funções de estrategista, embaixador em Esparta e próxeno espartano, além de ter atuado no julgamento dos Mistérios. Possuía um estilo de vida extravagante. Além do *Sympósion* de Xenofonte, o *Protágoras* de Platão também foi ambientado em sua casa.

¹⁰ Esporte de combate, sem armas, utilizado como base de treinamento para os soldados na Grécia, especialmente entre os espartanos.

¹¹ Festa realizada de quatro em quatro anos em homenagem à deusa Atena. Havia concursos de música e de canto, corridas de cavalo e outras competições.

culto, todavia, o apresenta como alguém descontrolado em relação ao seu conhecimento. Nicerato, que se orgulha de recitar de cor todos os versos da *Iliada* e da *Odisseia*, defende que, como Homero versou sobre quase todos os temas humanos, quem quiser ser um orador, um administrador, um general ou igualar-se aos heróis, basta ser seu companheiro, uma vez que se trata de um profundo conhecedor dessas ciências (XENOFONTE, **Sympósion**, III 5-6; IV 6).

O desequilíbrio de Nicerato reside em relação a sua admiração por Homero, uma vez que cita os versos do poeta na maioria das vezes em que se manifesta durante o *sympósion*. Compreendemos que receber uma boa educação não seria o suficiente para que o homem se constituísse em um *kalokagathos*: antes, ele deveria ter domínio sobre suas paixões, sendo detentor da *sophrosine*. O comportamento desregulado de Nicerato nos leva à conclusão de que por estar tomado pela *hybris*, este acabou por se tornar incapaz de pensar por si próprio, necessitando sempre de Homero como referência em suas próprias decisões.

Outro personagem que expressa incapacidade de ponderação em decorrência da presença de *hybris* em seu comportamento é Critóbulo, filho de um grande amigo de Sócrates chamado Críton e cuja filiação pode ser confirmada no livro I do *Memoráveis*: “Critóbulo filho de Críton” (XENOFONTE, **Memoráveis**, I, 3, 8). Ele é também personagem do *Econômico*, outro diálogo xenofonteano, e sua presença neste concentra-se nos seis primeiros capítulos nos quais estabelece um diálogo com Sócrates acerca da melhor maneira de se administrar o *oikos*.

No *Sympósion*, Critóbulo é um personagem muito interessante em nossa análise acerca do relacionamento pederástico, uma vez que se apresenta fortemente enamorado de Clíneas. No livro IV, após ter declarado exaustivamente seu amor por Clíneas, Critóbulo afirma ser mais belo que Sócrates e capaz de conseguir convencer mais facilmente os demais com sua beleza que Sócrates com sua eloquência. Provocado por tal afirmação, o filósofo convida Critóbulo após aquela conversa a realizar consigo um concurso de beleza perante os juízes,

que seriam os convidados do jantar em honra a Autólico. Critóbulo, então, questiona se Sócrates não se submeteria também ao juízo de Clíneas, quando é impetuosamente advertido: “Tu não deixas de pensar em Clíneas?”. E a resposta do apaixonado foi:

- Por não pronunciar seu nome, crês que pensarei menos nele? Tu não sabes que tenho a imagem dele tão clara que eu seria capaz de reproduzi-la e pintá-la fielmente do mesmo modo que se estivesse olhando para ela?

- Porque então, disse Sócrates, me importunas para que eu te leves onde possas vê-lo, já que tens a imagem dele tão nítida?

- Por que, Sócrates, a visão dele me faz feliz enquanto a visão de sua imagem aumenta o desejo (XENOFONTE, **Sympósion**, IV 21-22).

Sócrates reprova claramente a *hybris* que toma Critóbulo em relação a Clíneas. Chamamos atenção para o termo “desejo” (*pothos*) com o intuito de demonstrar que ao estar ausente, Clíneas despertou ainda mais a atenção de quem o ama. O interesse descontrolado de Critóbulo por Clíneas é ridicularizado por Sócrates também no *Memoráveis*, outro diálogo xenofonteano, durante uma conversa entre o mestre filósofo e o próprio Xenofonte, por ter se atrevido a beijar o rapaz (XENOFONTE, **Memoráveis**, I, 3, 8-11).

O polígrafo nos apresenta, por tanto, um Critóbulo descontrolado em relação ao seu desejo por Clíneas. Apesar de seu amor desregrado pelo jovem, Critóbulo era recém-casado, conforme Xenofonte nos relata no livro II do *Sympósion* e também livro III do *Econômico* (XENOFONTE, **Sympósion**, II 4); (XENOFONTE, **Econômico**, III 12-13). Constatar que Critóbulo era casado, ainda que nutrisse um amor ardente por Clíneas, demonstra que o interesse de um homem adulto por um jovem em nada deveria comprometer sua função de cidadão gerador de descendentes para a *pólis*. Caso o relacionamento pederástico ameaçasse a instituição do casamento, fugia aos padrões esperados para o mesmo e passaria a ser motivo de reprovação.

Conforme afirmado anteriormente, Critóbulo orgulha-se de sua beleza (XENOFONTE, **Sympósion**, III 7) e assegura acreditar nos inúmeros elogios

recebidos de seus companheiros por estes se tratarem de *kaloikagathoi* (XENOFONTE, **Sympósion**, IV 10-11). Tal afirmação parece, em um primeiro momento, ingênua, todavia é justificada por Critóbulo através de seu amor descontrolado por Clíneas, conforme observamos no trecho a seguir:

Mas se realmente sou belo, e se vocês sentem o que eu sinto quando estou diante do belo, então, eu juro por todos os deuses que não trocaria a minha beleza pelo império do Grande Rei. Eu tenho mais prazer, em efeito, em contemplar Clíneas do que todas as belezas do mundo. Eu aceitaria ser cego para as outras coisas, desde que pudesse ver somente o Clíneas (XENOFONTE, **Sympósion**, IV 11-12).

Notamos que o desejo de Critóbulo por Clíneas é tão desgovernado que o faz acreditar nos elogios recebidos por seus companheiros. Critóbulo está tomado pela *hybris* e por isso ama sem medida, afirmando até ser capaz de trocar sua liberdade pela escravidão, caso Clíneas quisesse ser seu dono (XENOFONTE, **Sympósion**, IV 14).

A revelação de Critóbulo em se contentar a se tornar cego, desde que pudesse contemplar Clíneas, nos possibilita realizar uma análise da cegueira sob um estado que ultrapassa os aspectos físicos. Segundo Maria Lúcia Toledo Moraes Amiralian: “As pessoas cegas são portadores de uma deficiência sensorial – a ausência de visão –, que as limita em suas possibilidades de apreensão do mundo externo, interferindo em seu desenvolvimento e ajustamento às situações comuns da vida” (AMIRALIAN, 1997, p.21). A partir da afirmação de que a ausência de visão limita as possibilidades de apreensão do mundo externo, podemos interpretar a declaração de Critóbulo sob o prisma da *cegueira social*, que compreendemos neste trabalho como a incapacidade, permanente ou momentânea, de um indivíduo apreender seu papel na sociedade, de se importar com os outros, de viver em coletividade. A metáfora da cegueira é amplamente utilizada na literatura grega, seja como ausência de razão, seja como a possibilidade de enxergar além do que os olhos físicos nos permitem apreender. A fim de percebermos o sentido da cegueira para os antigos gregos e o que Xenofonte pretendeu ao utilizar esse recurso em seu texto, faz-se *mister* a análise de uma célebre

passagem do diálogo platônico *República*, conhecida como *Alegoria da Caverna* e, posteriormente, do mito do adivinho Tirésias.

Em um diálogo com Glauco, Sócrates pede que seu interlocutor imagine homens vivendo em uma caverna subterrânea, sentados de costas para a entrada, acorrentados pelas pernas e pelo pescoço, de forma que não consigam se mover e nem ver o que lhes rodeia. A única visão que tais homens possuem é a sombra da realidade que existe fora da caverna, projetada na parede pela luz que se infiltra através da entrada. Sócrates afirma que os homens nestas condições não podem considerar nada verdadeiro além das sombras dos objetos confeccionados. Caso algum deles fosse libertado e tivesse condições de sair, sofreria ao se movimentar e sua visão seria ofuscada com a luz, impedindo-o de distinguir os objetos que conhecera somente através das sombras. É necessário que ele que se habitue a sua nova realidade, diferencie inicialmente as sombras, posteriormente as imagens dos homens e dos objetos refletidas na água e em seguida os próprios objetos. Uma vez alcançada essa visão, tal homem preferiria viver todo tipo de sofrimento a ter que voltar às antigas ilusões. Se em alguma circunstância este homem retornasse à caverna e retomasse o lugar que antes ocupava, teria sua visão novamente ofuscada, dessa vez pelas trevas. E entrando em confronto com os que ali permaneceram, faria com que rissem às suas custas e até atentassem contra sua vida, caso tentasse libertá-los de seu aprisionamento. Sócrates finaliza afirmando ser necessário aplicar esta parábola à vida dos homens, sendo fundamental assimilar o mundo que apreendemos com a vida da prisão na caverna (PLATÃO, *República*, VII 514a-517c).

Ao relacionarmos a *Alegoria da Caverna* de Platão à declaração de Critóbulo sobre a cegueira, inferimos que um homem possuído por um amor descontrolado em relação a alguém não está disposto de suas plenas faculdades psíquicas e não tem condição de governar os assuntos da cidade, ou seja, está socialmente cego. Por estar ofuscado pela *hybris* presente em seu desejo por Clínias, a confissão de Critóbulo leva-nos à constatação de que

nada mais lhe interessa além de seu amado, inclusive os assuntos relacionados a sua polis, tornando-se assim um cidadão politicamente infecundo, se preocupando mais com seu desejo individual ao invés do bem coletivo.

Por outro lado, podemos também compreender a noção de cegueira na Antiguidade através da análise do mito de Tirésias, cuja visão fora perdida através de um castigo dos deuses. Segundo Grimal, existem muitas lendas sobre a cegueira de Tirésias. Uma conta que Palas o teria cegado após ter sido vista nua acidentalmente por ele. A versão mais célebre é a de que ainda jovem encontrou um dia um casal de cobras venenosas copulando, matou a fêmea e assim transformou-se em uma mulher. Sete anos depois, passando pelo mesmo local, novamente avistou duas serpentes copularem, matando o macho e retornando à condição de homem. Na ocasião de uma discussão entre Hera e Zeus acerca de quem desfrutava mais prazer no amor, se homem ou mulher, Tirésias fora consultado e, revelando que a mulher era quem gozava de maior prazer, recebeu de Hera o castigo de tornar-se cego por ter revelado o segredo de seu sexo. Como compensação, Zeus agraciou-o com o dom da adivinhação (GRIMAL, 1992, p. 450). Compreendemos ao analisar este mito que através da perda da visão é possível adquirir outros dons: Tirésias precisou se tornar cego para ver mais longe através da profecia, ou seja, perdeu uma capacidade humana em troca de uma dádiva divina. Partindo da afirmação de que a mulher é quem goza de maior prazer em relação aos *aphrodisia* (atos sexuais), interpretamos que não deveria caber ao indivíduo do sexo masculino a busca por este tipo de deleite, constituindo-se mais um argumento em defesa de que na pederastia ateniense não deveria ocorrer o contato sexual entre o homem adulto e o jovem.

O ato de olhar pode representar uma fonte de cobiça e em alguns mitos gregos a cegueira é vista como uma penalidade a uma transgressão de caráter sexual. Acerca da relação entre a cegueira e atos sexuais reprováveis, Maria Amiralian afirma que nos mitos gregos a cegueira é quase sempre uma consequência de atos proibidos pelos deuses

e muitas vezes é comparada à morte (AMIRALIAN, 1997, p.27). Deste modo, observamos que tanto no mito de Tirésias, quanto no de Édipo, que furou os próprios olhos ao descobrir que havia matado o pai e tomado por esposa a própria mãe (GRIMAL, 1992, p. 127-128), a cegueira foi um castigo em decorrência de um deslize sexual - seja pelo ato de delatar que quem desfruta de maior prazer sexual é a mulher, seja por ter se relacionado com a própria mãe. No caso de Critóbulo, por ter olhos somente para Clínias, acaba por tornar-se cego socialmente e praticar atos eroticamente reprováveis, como beijar seu amado, por exemplo. Conforme atesta Sócrates:

Mas, pelos deuses, meus amigos, dizem entre nós até que ele beijou Clínias. Ora, não há nada mais perigoso para ativar o amor, pois o beijo é uma coisa insaciável e faz eclodir esperanças libidinosas. [Talvez seja pelo fato de que a união dos lábios seja designada pela mesma palavra que a afeição dos corações, faz com que o beijo seja tão valioso.] Por esta razão afirmo que quem pretende possuir o autocontrole deve se abster de beijar os belos rapazes (XENOFONTE, *Sympósion*, IV 25-26).

Atinamos que a censura de Sócrates em relação ao beijo que Critóbulo teria dado em Clínias aparece no texto xenofonteano tanto no *Sympósion*, quanto no *Memoráveis* (XENOFONTE, **Memoráveis**, I 3, 8-11). A palavra beijo (*philema*) possui o mesmo radical que a palavra amizade (*philia*) e, conforme defende Sócrates, esta é a razão pela qual o beijo seja um ato tão especial. Compreendemos que ao enfatizar a importância do beijo, Xenofonte estivesse refletindo sobre atitudes consideradas libertinas praticadas pelos atenienses, recorrendo à etimologia como forma de chamar a atenção de seus leitores.

Critóbulo, conquanto possua a beleza física, atua no diálogo como um exemplo a não ser seguido em decorrência de seu amor descontrolado, ao contrário de Sócrates, que mesmo sendo tão feio quanto um sileno (XENOFONTE, *Sympósion*, IV 19) atrai a juventude em consequência de seus atos nobres. Após analisarmos os perfis de Nicerato e de Critóbulo, constatamos que receber uma educação de qualidade e possuir beleza física não eram o bastante para ser um homem virtuoso. Claro, estes são

elementos esperados em um *kalokagathos*, mas sem o autocontrole e a sabedoria tais predicados podem se traduzir em elementos maléficos. Comparativamente, retomemos o exemplo de Alcibíades no diálogo platônico, que embora tenha sido membro de uma das famílias mais insígnies de Atenas, receptor de uma elevada formação intelectual e esteticamente belo, era egocêntrico e intemperante. Ainda que não possua tantos vícios como Alcibíades em Platão, Nicerato e Critóbulo são tomados pela *hybris*, ilustrando que por menor quantidade em que ocorra uma desmesura, essa compromete a atividade de um cidadão em sua polis.

Ratificamos que a pederastia deveria ser de caráter político pedagógico e não sexual. Identificamos nas obras analisadas diversos conselhos sobre o controle que os envolvidos na relação deveriam possuir sobre seus impulsos e ilustra quais relações seriam dignas de serem realizadas almejando a *kalokagathia*, ou seja, a virtude do homem bom e belo, estética e moralmente. Desta forma, os conselhos dizem respeito ao comportamento e não à atração. Entendemos que a prática é possível de ser controlada através de leis e de regras sociais, mas não o desejo. Defendemos que dispostos desse discernimento, Platão e Xenofonte transmitem através da escrita seus juízos acerca do relacionamento pederástico em voga no seu tempo, objetivando o resgate de uma conduta do passado no qual o companheirismo e o interesse da comunidade deveriam se sobressair perante as ambições individuais.

THE MALE HOMOEROTICISM IN THE CLASSIC PERIOD: AN ANALYSIS UPON THE RELATION BETWEEN *HYBRIS* AND ATHENIAN PEDERASTY OVER PLATO AND XENOPHON

Abstract: The male homoerotic relationship performed among athenians in the classic period, known as pederasty, presents itself as a featured object in researches whose approaches are fundamented over the involvement of same sex individuals at ancient times. Such notoriety is based upon the remarkable amount of living together

records of ancient classic authors, such as Plato and Xenophon, each one with its own style and point of view. Through the appreciation of this writings, it is possible to identify the involved ones and their age groups, suitable locations for their gatherings and the diversified objectives that circled such relation, limiting the notion that an athenian citizen of the mentioned period could have about pederasty. The objective of this article is to analyse the way how Plato and Xenophon used in their works about characters that detained outbursts and excesses in their behavior, in a way for making possible to set limits about what for them, respectively, were reprehensible behaviors and should not be practiced by the involved ones in the pederastic relationship.

Keywords: pederasty; *hybris*; homoeroticism; Plato; Xenophon.

BIBLIOGRAFIA

Documentação Textual

DIODORUS SICULUS. **Library of History**. Vol. VI. Trad: C. H. Oldfather. Cambridge/London: Harvard University Press/ William Heinemann, 1989.

PLUTARCO. **Vidas Paralelas. Alcibíades e Coriolano**. Trad: Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

PLATON. **La République**. Trad: Émile Chambry. Paris: Belles Lettres, 1949.

_____. **Le Banquet**. Trad: Léon Robin. Paris: Les Belles Lettres, 1951.

TUCIDIDES. **History Of The Peloponnesian War (Books 3-4)**. Trad: de C. F. Smith. Cambridge/ London: Loeb Classical Library, Harvard University Press, 2006.

_____. **History Of The Peloponnesian War (Books 5-6)**. Trad: C. F. Smith. Cambridge/ London: Loeb Classical Library, Harvard University Press, 2006.

XENOPHON. **Memorabilia. Oeconomicus. Symposium. Apology**. Trad: E. C. Marchant and O. J. Todd Cambridge/ London: Harvard University Press/ William Heinemann, 1997.

Referências Bibliográficas

AMIRALIAN, Maria Lúcia Toledo Moraes. **Compreendendo o Cego: uma visão psicanalítica da cegueira por meios de desenhos-estórias**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

BUFFIÈRE, Félix. **Éros Adolescent. La pédérastie dans la Grèce antique**. Paris: Les Belles Lettres, 2007.

DOVER, Kenneth James. **A Homossexualidade na Grécia Antiga**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

GOLDEN, Mark. **Children and Childhood in Classical Athens**. London: Johns Hopkins, 1993.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da mitologia grega e romana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia: Formação do Homem Grego**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

MARROU, Henri Irénée. Da Pederastia Como Educação. In: _____. **História da Educação na Antiguidade**. São Paulo: EPU, 1990. p. 51 – 65.

ROMILLY, Jacqueline de. **Alcibíades ou Os Perigos da Ambição**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

SANTORO, Fernando. Erótica. In: _____. **Arqueologia dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. p. 77 – 142.

VRISIMTZIS, Nikos A. Pederastia. In: _____. **Amor, Sexo & Casamento na Grécia Antiga**. São Paulo: Odysseus, 2002. p. 100 – 114.